

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

DOUGLAS PRATES ALVES

O Impacto das Tecnologias Digitais na Formação e Subjetividade do Indivíduo
Contemporâneo

DOUGLAS PRATES ALVES

O Impacto das Tecnologias Digitais na Formação e Subjetividade do Indivíduo
Contemporâneo

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Instituto de Filosofia
da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção dos
títulos de bacharel e licenciado em
Filosofia.

Área de concentração: Tecnologia,
Sociedade e Política

Orientador: José Benedito de Almeida Jr.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todo o corpo docente do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia pela experiência engrandecedora e a todo grupo técnico da coordenação pelo apoio as necessidades dos alunos. Ao PROAE, que sem o seu apoio fazer esse curso não seria possível. A CAPES que me acolheu em seu projeto de extensão (PIBID) e me mostrou outras realidades e contribuiu para minha formação. A Doutoranda Maryane Stella Delarge, que me ajudou nos melhores e piores momentos da minha jornada na graduação. Ao meu amigo Vinícius Gabriel que mesmo quando eu não acreditava em mim me mostrou seu apoio incondicional mostrando que eu seria capaz. A minha mãe, Sônia, que nunca desistiu de mim. E ao meu orientador, Professor Dr. José Benedito de Almeida Jr., pela inspiração, pela segurança, dedicação e extrema paciência comigo.

DEDICATÓRA

Dedico esse trabalho a todos que chegaram a exaustão.

"Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie".

Friedrich Nietzsche

RESUMO

ALVES, Douglas Prates. O Impacto das Tecnologias Digitais na Formação e Subjetividade do Indivíduo Contemporâneo. Uberlândia, 2026. Monografia (Graduação em Filosofia) - Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2026.

Este trabalho justifica-se pela necessidade urgente de compreender criticamente os impactos que a sociedade do desempenho, intensificada pelas tecnologias digitais, exerce sobre os processos de formação, comunicação e construção da subjetividade do indivíduo contemporâneo. Vivemos em um cenário marcado pela aceleração constante, pela hiperexposição e pela autoexploração, no qual a educação e a comunicação, em vez de atuarem como instrumentos de emancipação, acabam sendo capturadas pela lógica neoliberal da produtividade, da eficiência e do desempenho. Tal dinâmica gera não apenas um esgotamento físico, mas sobretudo um adoecimento psíquico e existencial, que se expressa no aumento de casos de ansiedade, depressão e burnout, sintomas diretamente associados à lógica de excesso analisada por Byung-Chul Han em *Sociedade do Cansaço*. Assim, este trabalho busca refletir sobre como essa realidade impacta a subjetividade humana, questionando os atuais modelos educacionais e comunicacionais e propondo a retomada de uma perspectiva mais crítica, reflexiva e humana frente às demandas de uma sociedade dominada pela tirania da positividade e da performance.

Palavras-Chave: sociedade, subjetividade, tecnologias, cansaço, política

ABSTRACT

ALVES, Douglas Prates. The Impact of Digital Technologies on the Formation and Subjectivity of the Contemporary Individual. Uberlândia, 2026. Monograph (Bachelor's Degree in Philosophy) - Bachelor's Degree in Philosophy, Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2026.

This work is justified by the urgent need to critically understand the impacts that the achievement society, intensified by digital technologies, exerts on the processes of formation, communication, and construction of the subjectivity of the contemporary individual. We live in a scenario marked by constant acceleration, hyper-exposure, and self-exploitation, in which education and communication, instead of acting as instruments of emancipation, end up being captured by the neoliberal logic of productivity, efficiency, and performance. This dynamic generates not only physical exhaustion but, above all, a psychological and existential malaise, which is expressed in the increase in cases of anxiety, depression, and burnout—symptoms directly associated with the logic of excess analyzed by Byung-Chul Han in *The Burnout Society*. Thus, this work seeks to reflect on how this reality impacts human subjectivity, questioning current educational and communicational models and proposing a return to a more critical, reflective, and human perspective in the face of the demands of a society dominated by the tyranny of positivity and performance.

Keywords: achievement society, subjectivity, digital technologies, burnout, politics

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Metodologia.....	11
1. Discussão e Desenvolvimento.....	12
1.1 A Sociedade Do Desempenho E A Contemporaneidade.....	12
1.2 As Tecnologias Digitais Como Dispositivo De Controle E Auto Exploração.....	13
1.3 Educação E Comunicação Na Lógica Da Sociedade Do Desempenho.....	15
1.4 A Subjetividade Na Era Da Exaustão.....	17
1.5 Tecnologias Digitais E A Configuração Da Subjetividade.....	19
1.6 A Cultura Da Performance E A Produção De Identidade Nas Redes Sociais.....	21
2. Considerações Finais.....	23
3. Conclusão.....	26
3. Referências Bibliográficas.....	28

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea encontra-se profundamente marcada pela expansão das tecnologias digitais e pela consolidação da racionalidade neoliberal, que redefine as formas de trabalho, comunicação, educação e constituição da subjetividade. Nesse contexto, observa-se um cenário paradoxal: ao mesmo tempo em que se ampliam as possibilidades de acesso à informação, interação e produção de conhecimento, intensificam-se fenômenos como o cansaço extremo, a exaustão psíquica, a ansiedade e a fragilização das relações sociais. Tais elementos indicam que o avanço tecnológico não se traduz unicamente em emancipação, mas também está associado à emergência de novas formas de controle e sofrimento. Como observa Han, “a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 24).

Nesse cenário, Byung-Chul Han, em *Sociedade do Cansaço*, analisa a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, na qual a coerção externa é progressivamente substituída pela autoexploração, e a negatividade da proibição cede lugar à positividade do “poder”. O sujeito contemporâneo, ao perceber-se como livre e autônomo, passa a explorar a si mesmo em nome da produtividade, da eficiência e da otimização constante, tornando-se simultaneamente agente e objeto da exploração. Nesse sentido, Han afirma que “o sujeito de desempenho está livre de um dominador externo, mas não de si mesmo” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 29).

As tecnologias digitais desempenham papel central nesse processo, ao promoverem conectividade permanente, aceleração do tempo e intensificação da visibilidade. Inseridas nessa lógica, a educação e a comunicação passam a operar segundo critérios de desempenho, priorizando resultados, mensuração e engajamento, em detrimento da reflexão crítica e da construção de sentido. Ao mesmo tempo, a subjetividade é progressivamente moldada por dinâmicas de exposição, autoavaliação e busca por reconhecimento imediato, especialmente nas redes sociais. Como destaca Han, “a enxurrada de informações e estímulos fragmenta a atenção e impede a contemplação” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 75).

Diante desse contexto, coloca-se a seguinte problemática: em que medida as tecnologias digitais intensificam a lógica da sociedade do desempenho e impactam a subjetividade contemporânea? A partir dessa questão, torna-se possível compreender como tais tecnologias não apenas ampliam possibilidades comunicacionais, mas

também contribuem para a formação de sujeitos marcados pela autoexploração, pela exaustão psíquica e pela dependência de reconhecimento externo.

O objetivo geral deste estudo é analisar os impactos das tecnologias digitais na educação, na comunicação e na subjetividade na sociedade do desempenho. Para isso, toma-se como base teórica a obra *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han, em diálogo com *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* e *No Enxame: perspectivas do digital*. Busca-se compreender de que forma a lógica do desempenho, potencializada pelas tecnologias digitais, reconfigura os modos de aprender, comunicar e experienciar a si mesmo. Em *Psicopolítica*, Han ressalta que “o neoliberalismo explora a psique como força produtiva” (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 9), evidenciando a centralidade da subjetividade nos mecanismos contemporâneos de poder.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela crescente presença de sintomas como cansaço, ansiedade e esgotamento no cotidiano social, especialmente em contextos mediados por tecnologias digitais. Ao investigar esses fenômenos a partir de uma perspectiva crítica, pretende-se contribuir para a compreensão das transformações contemporâneas e para a problematização dos limites do modelo neoliberal de desempenho, particularmente no que se refere à educação e à comunicação. Como sintetiza Han, “as doenças neuronais da sociedade contemporânea são estados patológicos devidos a um excesso de positividade” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 17).

Inicialmente, o trabalho apresenta os fundamentos teóricos da sociedade do desempenho e sua relação com o neoliberalismo e as tecnologias digitais. Em seguida, analisa os impactos dessas transformações na educação, na comunicação e na constituição da subjetividade. Por fim, discute os efeitos dessas dinâmicas na produção de identidades nas redes sociais e na intensificação da exaustão psíquica, retomando, nas considerações finais, a necessidade de uma reflexão crítica sobre os limites da racionalidade do desempenho e sobre as possibilidades de construção de formas mais humanas de educação, comunicação e existência.

METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, cujo referencial central é a obra *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han (2015). O percurso metodológico consiste na análise e interpretação crítica dos conceitos desenvolvidos pelo autor, especialmente aqueles relacionados à sociedade do desempenho, à violência neuronal, ao impacto da hiper comunicação e à constituição da subjetividade na modernidade tardia.

Opta-se por um recorte teórico que permite compreender como os fenômenos analisados, como educação, comunicação, subjetividade e tecnologias digitais, são atravessados pela lógica do desempenho e do excesso, gerando efeitos concretos nos modos de ser, agir e pensar do sujeito contemporâneo.

1. DISCUSSÃO E DESENVOLVIMENTO

1.1 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E A CONTEMPORANEIDADE

A sociedade contemporânea caracteriza-se por uma profunda transformação nas formas de organização do poder e da subjetividade. Segundo Byung-Chul Han, ocorre uma transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. A sociedade disciplinar caracteriza-se como um modelo de organização social fundamentado no exercício do poder por meio da repressão, da vigilância e da imposição de normas externas. Nesse contexto, o controle é operado principalmente por instituições como escolas, fábricas e quartéis, responsáveis por regular comportamentos e estabelecer limites claros às ações dos indivíduos. Trata-se de uma estrutura baseada na negatividade, na qual o poder se manifesta por meio de proibições e restrições, orientando os sujeitos a partir de uma lógica de obediência e conformidade. Diferentemente da sociedade disciplinar, baseada na negatividade, a sociedade do desempenho fundamenta-se na positividade, caracterizada pelo excesso de estímulos, possibilidades e exigências de produtividade. Nesse contexto, o sujeito se percebe como livre e autônomo, porém internaliza as demandas de desempenho, tornando-se simultaneamente agente e objeto de sua própria exploração. Onde o controle torna-se mais difuso e eficaz, uma vez que não depende mais de imposições externas diretas, mas da incorporação das exigências do sistema pelo próprio indivíduo. Como afirma o autor, “a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 24).

Nesse contexto, o sujeito contemporâneo é interpelado como um projeto permanente de otimização, no qual o sucesso e o fracasso são atribuídos exclusivamente à responsabilidade individual. A liberdade, nesse sentido, assume um caráter ambíguo: ao mesmo tempo em que liberta o indivíduo de estruturas externas rígidas, o submete a uma lógica interna de autoexigência constante. Han destaca que “o sujeito de desempenho está livre de um dominador externo, mas não de si mesmo” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 29). Essa dinâmica resulta em um modelo de subjetividade marcado pela hiperatividade, pela aceleração e pela incapacidade de estabelecer limites. A eliminação da negatividade, entendida como pausa, recusa e contemplação, compromete a possibilidade de reflexão e de construção de sentido.

Como consequência, o sujeito torna-se simultaneamente explorador e explorado, inserido em uma lógica produtivista que não admite interrupções.

Dessa forma, a sociedade do desempenho estabelece as bases para compreender as transformações subsequentes nas esferas educacional, comunicacional e subjetiva, evidenciando que a liberdade contemporânea está intrinsecamente vinculada a novas formas de controle e autoexploração.

1.2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE E AUTOEXPLORAÇÃO

As tecnologias digitais ocupam posição central na consolidação da sociedade do desempenho, atuando como dispositivos que intensificam os mecanismos de autoexploração analisados por Byung-Chul Han em *Sociedade do Cansaço*. Longe de serem ferramentas neutras, essas tecnologias incorporam e difundem a racionalidade neoliberal, reorganizando o tempo, o trabalho e a subjetividade segundo critérios de eficiência, produtividade e otimização contínua (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*). Na sociedade do desempenho, o sujeito é incentivado a explorar voluntariamente suas próprias capacidades, acreditando que age de forma livre e autônoma. As tecnologias digitais ampliam essa lógica ao promoverem conectividade permanente, disponibilidade constante e mensuração contínua de resultados. Como observa Han, o sujeito contemporâneo explora a si mesmo “até o colapso” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 23), pois não encontra limites externos que interrompam o ciclo de desempenho. A técnica, nesse sentido, não reduz o trabalho, mas o estende indefinidamente. Han aprofunda essa análise ao demonstrar que o neoliberalismo utiliza as tecnologias digitais para exercer um controle mais eficaz do que aquele das sociedades disciplinares. Segundo o autor, o poder psicopolítico atua de forma invisível, explorando dados, comportamentos e afetos, sem recorrer à repressão explícita (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 9). O controle deixa de ser imposto e passa a ser desejado, uma vez que se apresenta como liberdade e possibilidade de autoaperfeiçoamento. Esse modelo de dominação dissolve as fronteiras entre trabalho e vida privada.

A possibilidade técnica de trabalhar em qualquer lugar e a qualquer momento se converte em obrigação permanente de desempenho. O tempo deixa de ser espaço de descanso e experiência para tornar-se recurso produtivo. Em *Sociedade do*

Cansaço, Han destaca que a ausência de limites temporais conduz inevitavelmente à exaustão, pois “o poder ilimitado de desempenho leva ao colapso” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 29). Além disso, as tecnologias digitais reforçam a lógica da comparação constante. Métricas de produtividade, engajamento e visibilidade transformam o sujeito em objeto de avaliação permanente, intensificando a competitividade e a autoexigência. A comunicação digital elimina a distância reflexiva e favorece a exposição contínua do indivíduo (HAN, 2018a, *No Enxame*). Essa exposição não gera comunidade, mas isolamento competitivo, no qual cada sujeito luta individualmente por atenção e reconhecimento. A transparência digital, frequentemente apresentada como valor positivo, também atua como mecanismo de controle. Han argumenta que a exigência de transparência absoluta suprime a negatividade, o segredo e a interioridade, elementos fundamentais para a liberdade (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 24). Ao tornar tudo visível, mensurável e rastreável, as tecnologias digitais reduzem o espaço de resistência e intensificam a conformidade às normas de desempenho.

Acrescenta-se que, as tecnologias digitais não apenas acompanham a sociedade do desempenho, mas constituem um de seus pilares centrais. Elas ampliam a autoexploração, aprofundam o controle psicopolítico e naturalizam a exaustão como condição normal da vida contemporânea. Esse quadro permite compreender, na seção seguinte, como a educação e a comunicação, ao se apropriarem dessas tecnologias sem reflexão crítica, acabam reproduzindo a mesma lógica de desempenho, aceleração e esvaziamento formativo.

1.3 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA LÓGICA DA SOCIEDADE DO DESEMPENHO

A educação e a comunicação, na sociedade contemporânea, encontram-se profundamente condicionadas pela lógica do desempenho e da positividade. Inseridas em um contexto marcado pela aceleração, pela produtividade e pela autoexploração, essas esferas deixam de atuar prioritariamente como espaços de formação crítica e passam a operar segundo critérios de eficiência, rendimento e adaptação funcional. Em *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chul Han afirma que a sociedade do desempenho absolutiza a atividade, eliminando a pausa, a contemplação e o silêncio necessários aos processos formativos (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 16).

No campo educacional, essa lógica manifesta-se na valorização excessiva de competências, resultados mensuráveis e desempenho individual. O aprendizado é progressivamente reduzido à execução de tarefas, à acumulação de certificados e à adequação às exigências do mercado. Nesse cenário, o estudante é interpelado como empreendedor de si mesmo, responsável por gerenciar sua formação como capital humano. Conforme argumenta Han, a positividade do “poder” substitui o “dever”, fazendo com que o sujeito se auto exija continuamente sem perceber o caráter coercitivo dessa dinâmica (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 21). A educação neoliberal não visa à emancipação, mas à produção de sujeitos autogerenciáveis, flexíveis e permanentemente disponíveis (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 10). A internalização das exigências de desempenho transforma o processo educativo em instrumento de autoexploração, no qual o fracasso é interpretado como insuficiência individual, e não como expressão de desigualdades ou limitações estruturais.

A comunicação do indivíduo, através das tecnologias, por sua vez, sofre impactos semelhantes. O avanço das tecnologias digitais produz um modelo comunicacional baseado na velocidade, na fragmentação e na reatividade. A comunicação em rede não favorece o diálogo profundo, mas gera um fluxo incessante de informações que elimina o silêncio e a escuta (HAN, 2018a, *No Enxame*, p. 19). A comunicação deixa de ser espaço de construção de sentido e converte-se em mera circulação de dados, curtidas e respostas imediatas. Essa aceleração comunicacional compromete diretamente os processos educativos. A leitura lenta, a escrita reflexiva e o pensamento crítico tornam-se cada vez mais difíceis em um ambiente saturado de estímulos. Han adverte que “o excesso de estímulos destrói a atenção” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 75), o que implica a perda da capacidade de concentração

necessária à aprendizagem profunda. A educação, ao tentar adaptar-se à lógica digital sem questioná-la, corre o risco de reproduzir a superficialidade que deveria combater. Além disso, a comunicação digital tende a eliminar a negatividade, elemento essencial à formação crítica. O conflito, a dúvida e a resistência são substituídas por consensos rápidos e por bolhas de opinião homogêneas. Em *Psicopolítica*, Han destaca que o neoliberalismo prefere sujeitos positivos e adaptáveis, pois a negatividade interrompe o fluxo eficiente da comunicação e da produção (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 24). Assim, tanto a educação quanto a comunicação passam a favorecer a conformidade em detrimento da reflexão crítica.

A educação e comunicação, quando subordinadas à lógica da sociedade do desempenho, perdem sua dimensão emancipadora e tornam-se mecanismos de reprodução da subjetividade neoliberal. Em vez de promoverem formação, diálogo e pensamento crítico, contribuem para a aceleração, a fragmentação da atenção e a autoexploração. Esse quadro prepara o terreno para a análise seguinte, que examina como tais dinâmicas culminam na exaustão subjetiva e na violência neuronal, afetando diretamente a constituição psíquica do indivíduo contemporâneo.

1.4 A SUBJETIVIDADE NA ERA DA EXAUSTÃO

A subjetividade contemporânea constitui-se sob as condições impostas pela sociedade do desempenho, na qual a exigência de produtividade contínua substitui as formas tradicionais de coerção. Em *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chul Han define esse processo como a emergência de uma violência neuronal, distinta da violência física ou disciplinar, pois atua diretamente sobre a psique do indivíduo por meio do excesso de estímulos, informações e expectativas de desempenho (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 16). Trata-se de uma violência silenciosa, internalizada e socialmente legitimada. Diferentemente das sociedades disciplinares, que operavam por meio da negatividade da proibição, a sociedade do desempenho elimina os limites e absolutiza a positividade. O imperativo do “poder” substitui o “dever”, fazendo com que o sujeito se perceba como livre e plenamente responsável por seu sucesso ou fracasso. Contudo, essa liberdade aparente converte-se em fonte de sofrimento psíquico, pois o sujeito nunca alcança um estado de suficiência. Como afirma Han, “o sujeito de desempenho está livre de um dominador externo, mas não de si mesmo” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 29). A violência neuronal manifesta-se principalmente em patologias psíquicas como depressão, transtornos de ansiedade, síndrome de burnout e distúrbios de atenção. Segundo Han, essas doenças não resultam da repressão, mas constituem “estados patológicos devidos a um exagero de positividade” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 17). O sofrimento psíquico revela, assim, o colapso do sujeito diante da exigência ilimitada de desempenho, motivação e autossuperação, características centrais do neoliberalismo contemporâneo.

O neoliberalismo explora diretamente a subjetividade, transformando emoções, afetos e desejos em recursos produtivos (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 9). O indivíduo é levado a gerir sua própria vida como uma empresa, internalizando as exigências do sistema e responsabilizando-se integralmente por sua condição psíquica. Dessa forma, a violência deixa de ser percebida como imposição externa e passa a ser vivenciada como fracasso pessoal. A comunicação digital intensifica esse processo ao eliminar pausas, silêncios e intervalos necessários à elaboração subjetiva. Em *No Enxame: perspectivas do digital*, Han argumenta que a hiper comunicação não produz diálogo nem comunidade, mas um conjunto de indivíduos isolados, conectados de forma superficial e reativa (HAN, 2018a, *No Enxame*, p. 21). A ausência de distância e de negatividade impede a reflexão e aprofunda o esgotamento emocional,

reforçando sentimentos de inadequação e solidão. Além disso, a fragmentação da atenção compromete a capacidade de introspecção e de experiência profunda. O sujeito permanentemente estimulado perde o contato com sua interioridade, tornando-se incapaz de sustentar processos reflexivos prolongados. Como observa Han, “o excesso de estímulos destrói a atenção” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 75), o que afeta diretamente a constituição da subjetividade e inviabiliza a formação crítica.

A violência neuronal revela-se como expressão estrutural da sociedade do desempenho, e não como fenômeno isolado ou individual. O cansaço e a exaustão tornam-se condições normativas da vida contemporânea, naturalizadas como efeitos inevitáveis da liberdade e da produtividade. Essa análise permite compreender que a crise da subjetividade atual é resultado direto da eliminação da negatividade, da aceleração contínua e da autoexploração generalizada, preparando o terreno para a discussão seguinte, que aborda a cultura da performance e a produção de identidade nas redes sociais.

1.5 TECNOLOGIAS DIGITAIS E A CONFIGURAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

As tecnologias digitais não apenas intensificam os mecanismos da sociedade do desempenho, mas desempenham papel decisivo na própria configuração da subjetividade contemporânea. Em *Sociedade do Cansaço*, o Han defende que o excesso de estímulos, informações e demandas cognitivas produz uma alteração profunda na forma como o sujeito se relaciona consigo mesmo e com o mundo (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*). A subjetividade deixa de se constituir a partir da interioridade e da reflexão e passa a ser moldada pela aceleração, pela reatividade e pela exposição contínua. Na sociedade do desempenho, a subjetividade é orientada pelo imperativo da atividade constante. As tecnologias digitais reforçam essa dinâmica ao promoverem conectividade permanente e disponibilidade ininterrupta. O sujeito é continuamente interpelado a responder, produzir e se posicionar, o que inviabiliza a experiência do tédio, da pausa e do silêncio. Segundo Han, a eliminação dessas experiências compromete a capacidade de contemplação, essencial à formação da subjetividade (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 45). O poder contemporâneo atua diretamente sobre os processos psíquicos, orientando comportamentos, emoções e desejos por meio de estímulos positivos e incentivos contínuos (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 11). As tecnologias digitais tornam esse controle mais eficiente ao coletarem dados, anteciparem preferências e modularem afetos, contribuindo para a produção de sujeitos previsíveis, adaptáveis e autogerenciáveis.

Esse processo resulta em uma subjetividade marcada pela exteriorização. O sujeito digital tende a substituir a interioridade pela exposição, transformando a própria vida em objeto de comunicação permanente (HAN, 2018a, *No Enxame*, p. 27). A identidade deixa de ser construída por meio de processos reflexivos e passa a depender do reconhecimento imediato, da visibilidade e da validação externa, o que intensifica a insegurança e a instabilidade subjetiva.

Contudo, a comunicação digital favorece a fragmentação da experiência. O fluxo contínuo de informações impede a construção de narrativas coerentes sobre si mesmo, produzindo uma subjetividade dispersa e descontínua. Han argumenta que a perda da continuidade narrativa compromete a formação do sentido e aprofunda o sentimento de vazio existencial (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 52). O sujeito torna-se funcional, mas empobrecido em termos de experiência simbólica. A subjetividade configurada pelas tecnologias digitais também é marcada pela autoavaliação constante. Métricas de desempenho, engajamento e visibilidade

induzem o indivíduo a monitorar-se permanentemente, internalizando padrões externos de valor. Han ressalta, em *Psicopolítica*, que esse processo transforma a subjetividade em objeto de gestão, reduzindo o indivíduo a um conjunto de dados e performances (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 14). A vida psíquica passa a ser orientada por critérios quantitativos, em detrimento da singularidade e da alteridade. Dessa maneira, as tecnologias digitais participam ativamente da produção de uma subjetividade ajustada à lógica neoliberal do desempenho, caracterizada pela aceleração, pela exposição e pela autoexploração. Ao fragilizar a interioridade e intensificar a dependência do reconhecimento externo, essas tecnologias contribuem para o esgotamento psíquico e para a instabilidade identitária. Essa análise possibilita, na seção seguinte, examinar de forma mais específica como a cultura da performance e as redes sociais atuam na produção de identidades, aprofundando os efeitos da sociedade do desempenho sobre o sujeito contemporâneo.

1.6 A CULTURA DA PERFORMANCE E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADE NAS REDES SOCIAIS

A cultura da performance constitui uma das expressões mais visíveis da sociedade do desempenho, manifestando-se de forma intensa nas redes sociais digitais. Nesse ambiente, a identidade deixa de ser compreendida como processo reflexivo e histórico e passa a ser construída como performance contínua, orientada pela visibilidade, pelo engajamento e pelo reconhecimento imediato. Em *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chul Han argumenta que a sociedade do desempenho transforma o sujeito em um projeto permanente, que deve ser constantemente otimizado e apresentado como bem-sucedido (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*).

Nas redes sociais, essa lógica se intensifica, pois o sujeito é simultaneamente produtor, produto e promotor de si mesmo. A identidade torna-se inseparável da exposição, e o valor do indivíduo passa a ser medido por métricas quantitativas, como curtidas, visualizações e seguidores. Em *No Enxame: perspectivas do digital*, Han observa que a comunicação digital favorece a auto exibição em detrimento da interioridade, transformando a vida em espetáculo e a subjetividade em objeto de consumo simbólico (HAN, 2018a, *No Enxame*, p. 32). Essa dinâmica promove uma constante necessidade de validação externa. O reconhecimento, antes mediado por relações sociais duradouras, passa a depender da aprovação imediata e volátil do público digital. O neoliberalismo explora essa necessidade de reconhecimento ao estimular a autoexposição como forma de participação e liberdade (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 18). Dessa forma, o sujeito internaliza a lógica da performance, acreditando que a visibilidade equivale à existência social. A cultura da performance também contribui para a padronização das identidades. A busca por aceitação e engajamento induz os indivíduos a reproduzirem modelos de sucesso, felicidade e produtividade socialmente valorizados. Em *Sociedade do Cansaço*, Han afirma que a positividade excessiva elimina a negatividade e a diferença, produzindo sujeitos semelhantes e conformados (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 41). A identidade deixa de ser singular e passa a ser moldada por tendências, algoritmos e expectativas coletivas.

Todavia, a exposição contínua compromete a construção de uma identidade estável. A necessidade de atualização constante da performance impede a consolidação de narrativas identitárias coerentes. Em *No Enxame*, Han argumenta que o sujeito digital vive em um presente contínuo, fragmentado e acelerado, o que

dificulta a formação de memória, continuidade e sentido (HAN, 2018a, *No Enxame*, p. 38). A identidade torna-se fluida, instável e dependente do feedback imediato. Essa instabilidade identitária contribui diretamente para o esgotamento psíquico. A obrigação de performar continuamente gera ansiedade, insegurança e sensação permanente de insuficiência. Em *Sociedade do Cansaço*, Han destaca que o sujeito do desempenho nunca alcança um estado de satisfação, pois está sempre aquém de suas próprias expectativas (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 29). A cultura da performance, portanto, não apenas molda identidades, mas também intensifica a violência neuronal e o sofrimento subjetivo.

Por outro lado, as redes sociais operam como espaços privilegiados de reprodução da sociedade do desempenho, nos quais a identidade é reduzida à performance e a liberdade à autoexposição. A cultura da performance transforma o sujeito em gestor de sua própria imagem, aprofundando a autoexploração e fragilizando a interioridade. Com isso, encerra-se o Capítulo 1, que estabeleceu os fundamentos teóricos necessários para compreender o impacto das tecnologias digitais na formação e na subjetividade do indivíduo contemporâneo, preparando o terreno para a análise e as considerações finais do trabalho.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das transformações contemporâneas evidencia que as tecnologias digitais não podem ser compreendidas como instrumentos neutros, mas como dispositivos intrinsecamente articulados à lógica da sociedade do desempenho. Conforme discutido ao longo deste trabalho, a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho implica uma reconfiguração dos mecanismos de poder, que deixam de operar predominantemente por coerção externa e passam a atuar por meio da internalização de exigências. Nesse cenário, as tecnologias digitais intensificam e expandem essa lógica, funcionando como mediadoras centrais na organização da vida social e na constituição da subjetividade.

A articulação entre sociedade do desempenho e psicopolítica permite compreender que o poder contemporâneo incide diretamente sobre a psique, explorando a liberdade individual como força produtiva. Como afirma Han, “o neoliberalismo explora a psique como força produtiva” (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 9). Em ambientes digitais, essa exploração adquire maior sofisticação, uma vez que a coleta e o processamento de dados possibilitam o monitoramento contínuo e a modulação de comportamentos. Dessa forma, o controle não se impõe de maneira explícita, mas se realiza por meio da indução e da autogestão, levando o sujeito a se auto explorar sob a ilusão de autonomia. A partir dessa perspectiva, torna-se possível afirmar que as tecnologias digitais, a racionalidade neoliberal e a constituição da subjetividade não operam de forma isolada, mas integram um mesmo sistema de produção e reprodução do desempenho. Tal integração evidencia que os fenômenos observados, como a intensificação do trabalho, a aceleração do tempo e a centralidade da visibilidade, não são contingentes, mas estruturais, configurando um modelo de organização social no qual liberdade e controle se entrelaçam de forma paradoxal.

Esse sistema impacta diretamente as esferas da educação e da comunicação, que passam a reproduzir a lógica produtivista e a racionalidade do rendimento. No campo educacional, a ênfase em métricas, desempenho e resultados mensuráveis tende a reduzir o processo formativo à aquisição de competências operacionais, limitando a construção de pensamento crítico. De modo semelhante, a comunicação digital, marcada pela velocidade e pela fragmentação, compromete a profundidade das interações e dificulta a elaboração reflexiva. Como observa Han, “o excesso de

estímulos destrói a atenção” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 75), evidenciando que a saturação informacional inviabiliza experiências mais densas de compreensão.

No plano da subjetividade, os efeitos dessas transformações manifestam-se por meio da intensificação da exaustão psíquica e daquilo que Han denomina violência neuronal. Diferentemente das formas clássicas de repressão, o sofrimento contemporâneo decorre da incapacidade do sujeito de corresponder às exigências ilimitadas de desempenho. Nesse sentido, “as doenças neuronais da sociedade contemporânea são estados patológicos devidos a um excesso de positividade” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 17). Tal condição revela que o sofrimento não é apenas individual, mas estruturalmente produzido por um modelo que elimina limites e transforma a liberdade em obrigação de rendimento.

As tecnologias digitais intensificam esse processo ao promoverem uma cultura de exposição permanente, na qual o sujeito é constantemente avaliado e comparado. Nas redes sociais, a identidade passa a ser construída como performance contínua, orientada pela visibilidade e pelo reconhecimento imediato. Conforme discutido em *No Enxame*, a comunicação digital favorece a auto exibição em detrimento da interioridade (HAN, 2018a, *No Enxame*), contribuindo para a fragilização da experiência subjetiva. O indivíduo torna-se, assim, simultaneamente produtor e produto de si mesmo, inserido em dinâmicas de validação que reforçam a lógica da autoexploração.

Nesse cenário, observa-se que as tecnologias digitais não apenas ampliam possibilidades comunicacionais, mas também contribuem para a naturalização de padrões normativos de comportamento e sucesso. A busca incessante por desempenho e reconhecimento impede a construção de uma subjetividade autônoma, conduzindo o sujeito a um estado contínuo de insatisfação e esgotamento. Como afirma Han, “o sujeito de desempenho nunca alcança um estado de repouso” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*), evidenciando o caráter interminável dessa dinâmica. Não se trata, portanto, de rejeitar as tecnologias digitais em si, mas de problematizar a forma como são incorporadas à racionalidade do desempenho, que orienta seus usos, finalidades e efeitos sobre a subjetividade. Nesse sentido, a compreensão crítica dessas dinâmicas torna-se condição fundamental para a construção de alternativas que não estejam subordinadas exclusivamente à lógica do desempenho, especialmente nos campos da educação e da comunicação.

Em síntese, a análise desenvolvida demonstra que a subjetividade contemporânea é profundamente marcada pela internalização das exigências de desempenho, intensificadas pelas tecnologias digitais e pela racionalidade neoliberal. Esse processo evidencia que os fenômenos de exaustão, autoexploração e busca incessante por reconhecimento não são desvios, mas expressões constitutivas do modelo vigente. Diante disso, torna-se imprescindível problematizar criticamente os modos de funcionamento das tecnologias digitais na educação e na comunicação, reconhecendo que seus impactos ultrapassam a dimensão instrumental e incidem diretamente sobre a constituição do sujeito. Tal constatação conduz à necessidade de uma reflexão mais ampla, desenvolvida a seguir, acerca dos limites desse modelo e das possibilidades de construção de formas de existência menos subordinadas à lógica do desempenho.

3. CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender que a sociedade contemporânea, marcada pela consolidação da lógica neoliberal e pela expansão das tecnologias digitais, configura um modelo específico de organização social no qual a subjetividade é profundamente atravessada pela exigência de desempenho. A partir das contribuições de Byung-Chul Han, especialmente em *Sociedade do Cansaço*, evidenciou-se que a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho não representa a superação das formas de dominação, mas sua reconfiguração em moldes mais sutis e internalizados. Nesse contexto, a liberdade, frequentemente apresentada como conquista central da modernidade tardia, revela-se ambígua. Ao mesmo tempo em que o sujeito se percebe como autônomo, torna-se responsável por sua própria exploração, internalizando as exigências de produtividade, eficiência e otimização contínua. Como afirma Han, “o sujeito de desempenho está livre de um dominador externo, mas não de si mesmo” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 29), evidenciando que o poder contemporâneo opera a partir da interiorização das normas e expectativas sociais.

As tecnologias digitais desempenham papel central nesse processo, ao intensificarem a lógica da conectividade permanente, da aceleração e da visibilidade. Longe de serem instrumentos neutros, elas atuam como dispositivos que potencializam a psicopolítica neoliberal, permitindo o monitoramento, a modulação e a indução de comportamentos. Nesse sentido, “o neoliberalismo explora a psique como força produtiva” (HAN, 2018, *Psicopolítica*, p. 9), evidenciando que a subjetividade se torna um campo estratégico de produção e controle.

No âmbito da educação e da comunicação, tais transformações resultam na predominância de uma racionalidade orientada pelo desempenho, na qual o valor do conhecimento e das interações é frequentemente reduzido a métricas e resultados quantificáveis. Essa lógica compromete a formação crítica e a profundidade das relações comunicacionais, substituindo a reflexão pela velocidade e pela produtividade. Como observa Han, “o excesso de estímulos destrói a atenção” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 75), indicando que a saturação informacional dificulta a construção de experiências significativas.

No plano da subjetividade, os efeitos desse modelo manifestam-se por meio da intensificação de estados como ansiedade, depressão e esgotamento, compreendidos por Han como expressões da violência neuronal. “As doenças

neurais da sociedade contemporânea são estados patológicos devidos a um excesso de positividade” (HAN, 2015, *Sociedade do Cansaço*, p. 17), o que evidencia que o sofrimento psíquico não é um fenômeno isolado, mas resultado de uma estrutura social que elimina limites e transforma a liberdade em obrigação de rendimento.

A cultura da performance, amplificada pelas redes sociais, reforça esse processo ao transformar a identidade em um projeto contínuo de autoexposição e validação. O sujeito passa a se constituir a partir do olhar do outro, buscando reconhecimento constante em ambientes digitais que incentivam a comparação e a padronização. Como discutido em *No Enxame*, a comunicação digital favorece a exteriorização em detrimento da interioridade (HAN, 2018a, *No Enxame*), contribuindo para a fragilização da experiência subjetiva.

Dessa forma, torna-se evidente que as tecnologias digitais, ao serem incorporadas à lógica neoliberal, não apenas ampliam possibilidades, mas também intensificam processos de controle, autoexploração e esgotamento. O problema, portanto, não reside nas tecnologias em si, mas na racionalidade que orienta seus usos e finalidades. Essa constatação aponta para a necessidade de uma reflexão crítica sobre os limites da sociedade do desempenho e sobre os impactos de suas dinâmicas na constituição da subjetividade contemporânea.

Contudo, este trabalho demonstra que a subjetividade contemporânea é produzida em um contexto no qual liberdade e controle se entrelaçam, dando origem a formas sofisticadas de dominação que operam a partir do próprio sujeito. Diante disso, repensar a educação, a comunicação e o uso das tecnologias digitais tornam-se uma exigência fundamental, não apenas no sentido técnico, mas sobretudo no plano ético e político. Trata-se de questionar os imperativos do desempenho e de abrir espaço para a construção de formas de existência que valorizem a reflexão, o limite e a experiência, possibilitando a emergência de uma subjetividade menos exausta e mais verdadeiramente livre.

3. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul. No exame: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018a.

